



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

A marcha das indígenas

Estava vindo de casa para a redação, na quinta-feira, quando tivemos de mudar a rota porque havia uma manifestação imensa. Logo, percebi que era a IV Marcha das Mulheres Indígenas na Esplanada dos Ministérios. Eram mais de 5 mil indígenas de mais de 100 povos. Elas traziam cartazes e faixas com os dizeres: “Sou Terra”. Ou: “Sou água”. Ou: “Sou floresta”.

O tema da Marcha deste ano era “Nosso corpo, nosso território: somos

as guardiãs do planeta”. Uma indígena bradava no alto-falante de um caminhão com som: “Nós somos a resposta ao aquecimento global. Presidente, por favor, veto o PL da devastação”.

O chamado PL da devastação vai na contracorrente da racionalidade. No ano passado, cientistas do Brasil e da Holanda calcularam, pela primeira vez, que 80% da área coberta por lavouras e pastagens no Brasil depende das chuvas produzidas pelas florestas remanescentes nas terras indígenas da Amazônia.

A notícia saiu em reportagem de Bernardo Esteves, na *Revista Piauí*, aquela que tem um nome fake, mas publica matérias muito interessantes. Sigamos com a leitura. Os cientistas estimaram a quantidade de água dos chamados “rios

voadores” gerada nesses territórios e qual o trajeto percorrido ao levar umidade para o restante do continente. As chuvas geradas nessas florestas beneficiam 18 estados e o DF, incluindo trechos do Cerrado, do Pantanal e da Mata Atlântica.

Os nove estados mais bem aquinhoados produzem 57% da receita do agro-negócio, informa a matéria. O Paraná, grande produtor de soja e milho, é a unidade da federação mais beneficiada pelas chuvas formadas nos territórios indígenas da Amazônia, com 25%. Em seguida, vem o Acre e o Mato Grosso do Sul, com 20%. É interessante notar que, em algumas áreas desses estados, chega a um terço as chuvas vindas pelos rios voadores das matas indígenas. Os resultados da pesquisa foram

publicados em nota técnica assinada por 10 pesquisadores.

O contraste do ideal coletivo das indígenas e dos interesses individuais de certas excelências que assolam o Congresso Nacional saltou aos olhos. Eles não têm coragem de dizer a que vem ou a que vieram, mas se tivessem diriam assim: “Eu sou a emenda do orçamento secreto”. Ou: “Eu sou a fake news”. Ou: “Eu sou o golpe”. Ou ainda: “Eu sou a impunidade”.

Não sou eu quem faz essa constatação. Em pesquisa do DataFolha, 78% dos brasileiros concordam com a afirmação de que as excelências ou a maioria das excelências do Congresso Nacional coloca os interesses pessoais acima dos interesses da nação. E mais: 73% consideram que os parlamentares tratam

melhor dos interesses dos cidadãos ricos do que dos pobres.

Essa postura de certas excelências está clara no episódio da arruaça para construir as atividades do Congresso Nacional em troca da anistia de golpistas. Eles se lixam se está em jogo votações que afetam a vida do país ou que as chantagens de Trump destrua milhares de empregos. O lema deles é: a impunidade acima de tudo, o meu interesse acima de todos. É bom que fiquem espertos nas próximas eleições. Se essa visão detectada nas pesquisas se traduzir em voto ou em ausência de voto, eles pagarão caro pela irresponsabilidade e descompromisso com o Brasil. As mulheres indígenas deram, novamente, uma lição de consciência, de civilidade, de cidadania e de bravura.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



O casco, as patas e a cabeça do animal foram atingidos pelo fogo

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Jabutí recebendo pele de tilápia no lugar do casco

Arquivo pessoal



Jabutí após a retirada da pele de tilápia

JABUTI SOBREVIVE com pele de tilápia

Ferido pelas chamas, o pequeno animal foi encontrado queimado depois de um incêndio na Flona e recebeu tratamento especial para recuperar o casco

» VITÓRIA TORRES

No início de agosto, com o clima seco chegando e tornando comum as cinzas e a fumaça, a Floresta Nacional (Flona) de Brasília foi vítima de mais uma queimada e mais um rastro de destruição. Em meio à vegetação incinerada, um pequeno sobrevivente foi resgatado: um jabuti ferido, com o casco queimado pelo fogo, caminhava lentamente sobre o mato ainda quente.

O Instituto Brasília Ambiental (Ibram) atende animais silvestres por meio do Hospital e Centro de Reabilitação da Fauna Silvestre (Hfaus). Entre as histórias comoventes que passaram pelo hospital, está a do jabuti. Ele foi o primeiro paciente vítima das queimadas de 2025. Com o casco queimado, recebeu a aplicação de pele de tilápia no lugar.

Resgate

Quem o encontrou em meio às cinzas foi o chefe do Centro de Triagem de Animais Silvestres do Distrito Federal (Cetas-DF), Júlio César Montanha, vinculado ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Ele participou diretamente do resgate.

“Foi encontrado em um pequeno incêndio que teve na Flona. Estava com parte do casco queimado, com aquele aspecto de carvão, as duas patas do lado esquerdo queimadas e parte do rosto. Levamos para o Cetas primeiro para triagem, depois ao Hfaus. Descobrimos que também havia dano na cauda e na pata direita. Provavelmente andou sobre brasas tentando escapar. Encontramos ele em um lugar com muita fumaça, ainda no mato queimado. Estava andando naquele mato quente... Sabemos que sentiu bastante dor”.

Um animal lento e indefeso, tentando sobreviver ao seu habitat em chamas. O jabuti não foi apenas queimado pelo fogo direto, mas também pelas brasas escondidas embaixo do chão. “É muito comum,

em incêndios, os animais queimarem as patas. Eles acham que aquela área por não ter fogo está segura, mas na realidade o fogo está por baixo”, explicou.

Levado ao Hfaus, o jabuti recebeu um tratamento diferenciado, mas cada vez mais utilizado na medicina veterinária — o uso de pele de tilápia para acelerar a cicatrização de queimaduras. O biólogo e coordenador do Hfaus, Thiago Marques, contou que o animal chegou apresentando desidratação.

“Durante o tratamento, observamos que as placas ósseas que recobrem o casco poderiam se descolar. Quando isso acontece, usamos antibióticos e anti-inflamatórios para garantir o bem-estar do

animal. A pele de tilápia protege essas áreas expostas, evitando infecções que poderiam levar o animal à morte”. O procedimento, embora simples, exige acompanhamento. A pele é trocada periodicamente, acompanhando o progresso da cicatrização. Em casos de danos mais profundos ao casco, que não haja a possibilidade de recuperação, a equipe utiliza resina para reconstruir o casco.

“A resina impermeável protege contra rachaduras e buracos, sem interferir na mobilidade do animal. Assim, ele pode, talvez, ser introduzido na natureza novamente após passar pela avaliação do Cetas”, acrescentou Thiago.

O Cetas é responsável por receber, cuidar e

reabilitar animais resgatados, apreendidos ou entregues voluntariamente, devolvendo-os à natureza. Quando o jabuti se recuperar, o Cetas atuará na reabilitação do animal ao seu habitat natural.

Queimadas

As queimadas no DF têm impactos profundos na fauna. E não apenas nos animais atingidos diretamente pelas chamas. O biólogo e gerente de Fauna Silvestre do Ibram, Rodrigo Augusto Santos, alerta para a situação que se tornará ainda mais presente com a chegada da seca.

“Quando áreas de vegetação nativa são desmatadas ou degradadas, os animais perdem seu espaço e buscam outras regiões, muitas vezes se aproximando de áreas urbanas. Esses animais cumprem papéis vitais: controlam pragas, dispersam sementes, ajudam a manter o equilíbrio. Combater a grilagem e ocupação irregular é também uma forma de proteger a fauna”, observa Rodrigo.

Segundo ele, a participação da sociedade é necessária nesse momento. “O meio ambiente precisa da ação conjunta da sociedade para garantir que a fauna continue fazendo parte do nosso cotidiano, com equilíbrio e segurança para todos”.

O Hfaus, do Brasília Ambiental, não realiza diretamente os resgates, mas é responsável por atender animais silvestres encaminhados por órgãos como o Batalhão da Polícia Militar Ambiental e o próprio Ibama. Em 2025, o tempo médio de permanência dos animais no Hfaus foi de 19 dias para répteis e 24 dias para mamíferos.

Com casco reconstruído e sob vigilância atenta, o jabuti ainda não tem data para voltar ao seu lar natural. Mas carrega agora um novo escudo fruto da ciência e da dedicação humana para que volte ao seu lar.

*Estagiária sob a supervisão de José Carlos Vieira